



2017

ISSN: 2359-6597

O ENSINO EM SANTO AGOSTINHO

Marcelo Kloch*

Resumo: Este artigo oriundo de uma pesquisa bibliográfica tem como objetivo apresentar de forma sucinta o processo do ensino no pensamento agostiniano. Utilizaremos como texto base a obra de Santo Agostinho: o *De Magistro*. Junto com ela, usaremos outros livros do próprio santo e alguns comentadores sobre este assunto. Em um primeiro momento veremos a partir do pensamento agostiniano como que a linguagem exerce a sua função neste processo, que onde falamos nada mais fazemos que ensinar ou recordar alguém de algo. O texto exporá ainda a chamada teoria da iluminação divina, onde Agostinho nos diz que devemos-nos voltar para a nossa alma, através de um processo de contemplação e de largar a materialização das coisas, pois é na alma quando esta iluminada pelo Mestre Interior que encontramos a Verdade. Para Agostinho o corpo é frágil, e ao buscar a verdade na matéria, o homem desvia do verdadeiro conhecimento, que é Deus. Encerramos com a afirmação de Agostinho, que só existe um único Mestre que é Cristo, ele nos ilumina na Verdade, enquanto os mestres terrenos exercem a função de estimular-nos a buscar a verdade interior.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Iluminação Divina. Educação. Verdade.

Introdução

Para compreender o pensamento de Santo Agostinho, necessariamente é preciso compreender um pouco de sua vida e do contexto histórico em que ele viveu. Após entender um pouco de sua vida, ficará mais fácil de ser compreendida a sua filosofia.

Aurelius Augustinus, mais conhecido por Santo Agostinho, filho de Santa Mônica e de Patrício, nasceu no dia 13 de novembro de 354 d. C. em Tagaste, localizado no continente africano. Fez o início de seus estudos em sua cidade de origem e em Madaura, que fica localizada próxima de sua cidade natal. Com ainda pouca idade, ele foi para Cartago estudar Retórica, onde concluiu seu estudo com 16 anos. Durante anos lecionou Retórica em Tagaste, Cartago, Roma e Milão.

* Acadêmico do segundo semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS-RS. E-mail: marcelo_kloch@hotmail.com

Agostinho, sempre teve um espírito muito inquieto, e buscou sanar as suas dúvidas através de várias seitas. Inicialmente, se uniu aos adeptos do maniqueísmo, que é uma seita que se baseia no dualismo entre bem X mal. Como esta doutrina não foi suficiente para suprir as suas dúvidas, ele tornou-se adepto ao ceticismo, cuja filosofia é pautada na dúvida de tudo. Essa filosofia também não foi capaz de sacia-lo. Foi então que conheceu Santo Ambrósio, que na época era bispo de Milão. Ao ouvir as homilias de Ambrósio, ele ficou fascinado, e juntamente com as cartas de São Paulo, converteu-se ao cristianismo e foi batizado pelo bispo de Milão no dia 24 de abril de 387. Teve em sua vida forte influência “Platônica”, influência nítida em seus escritos. Alguns chegam a afirmar que ele ‘cristianizou’ a filosofia de Platão.

Foi eleito bispo de Hipona, onde exerceu sua missão durante trinta e quatro anos, sendo um fiel exemplo para o seu rebanho. Deu uma sólida formação cristã por meio de numerosos sermões e escritos, dos quais queria combater os erros do seu tempo e difundir a fé católica. Morreu em Hipona, no dia 28 de agosto de 430. (SOUZA. PEREIRA MELO., 2009, p. 2457) conferir

O contexto histórico vivido por Santo Agostinho foi de muita turbulência e desorganização. A Igreja Ocidental estava dividida, isso devido ao fato da readmissão daqueles cristãos que, sob terrível ameaça, tinham cedido aos sacrifícios pagãos. Porém, dentro do Império Romano, a Igreja estava crescendo e chegou-se a tornar como religião oficial de Roma.

Através de uma crise política, econômica e social, o Império Romano começou a ser atacado por invasões bárbaras, que estavam acarretando em sua dissolução. Por motivo destas invasões os pagãos começaram a acusar os cristãos como sendo culpados e Santo Agostinho foi um personagem muito forte da defesa dos cristãos (VOEGELIN, 2012, p. 270-272).

Agostinho escreveu vários livros, porém com destaque maior se tem: *Confissões* (399 d. C.), *A cidade de Deus* (426 d. C.), *Livre Arbítrio* (388 d. C.), *De Trinitate* (419 d. C.) e *De Magistro*¹ (389 d. C.) (BOEHNER. GILSON, 1998, p. 140-141).

1 Linguagem e sua função

¹ Este livro será o norteador do nosso trabalho, cuja finalidade é discutir a problemática da educação em diálogo com seu filho Adeodato. Alguns estudiosos afirmam que esta obra foi escrita depois da morte de seu filho, mas que ocorreu quando o mesmo tinha 16 anos. Neste livro, além da investigação filosófica, retrata o lado afetivo de Agostinho, que mostra a preocupação de um pai em educar o seu filho.

Após este resumo da vida e do contexto em que viveu Santo Agostinho, será aprofundado o pensamento deste filósofo acerca da educação. Este é um assunto em que o Santo trata na sua obra intitulada como *De Magistro*. Nela, ele apresenta o seu pensamento sobre a problemática do que buscamos quando falamos e de como aprendemos as coisas, através de um diálogo com seu filho Adeodato:

AG² – Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

AD³ – Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar, ou aprender.

AG – Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender?

AD – Mas, então, de que maneira pensas que se possa aprender, senão perguntando?

AG – Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, dize-me, interrogas por outro motivo a não ser ensinar o que queres àquele a quem pergunta? (1987, p. 291).

Mediante a isso, Santo Agostinho e outros comentadores são muito claros ao enfatizar que quando falamos buscamos ensinar o outro (nem que seja no caso de uma pergunta ensinar a outra pessoa o que queremos saber), ou recordar. Ou melhor, buscamos fazer com que o outro receba a iluminação divina⁴ para averiguar com sua verdade interior, se o que falamos é uma verdade inteligível (verdadeira), ou sensível (sensorial que pode ser falha e temporária):

A respeito das coisas inteligíveis, sempre que se pensa que está aprendendo algo por intermédio das palavras de um outro, na verdade o que se está fazendo é analisar com sua verdade interior e reconhecendo em si a opinião em questão, para a formação de qual a verdade não foi aprendida, mas já estava presente interiormente naquele que se acha “aprendendo” e foi, no máximo, suscitada pelas palavras daquele que se acha ensinando. (ABREU, 1996, p. 217)

Existem duas possibilidades de conhecimento que o homem pode adquirir uma delas relacionada às coisas sensíveis e a outra às coisas inteligíveis. O conhecimento sensível é aquele do qual adquirimos através dos nossos sentidos, já o conhecimento inteligível, é aquele que não obtemos pelos sentidos, mas pela nossa mente.

Pois todas as coisas que percebemos, percebemo-las ou pelos sentidos do corpo ou pela mente. Chamamos às primeiras “sensíveis”, às segundas “inteligíveis”, ou , para falar segundo costumam nossos autores, às primeiras “carnais” e às segundas “espirituais”. (AGOSTINHO, 1987, p.320).

² Refere-se a Agostinho.

³ Refere-se a Adeodato.

⁴ No próximo capítulo explicaremos melhor como funciona essa questão da iluminação da alma.

Para Agostinho os conhecimentos sensíveis não são verdade absoluta, pois ela não foi iluminada em nossa alma.

2 A iluminação Divina no processo da busca do conhecimento

O plano de educação para Santo Agostinho não é único, tendo em vista que ele foi fortemente influenciado por meios externos: “permaneceu - na sua mescla de platonismo, filosofia plotiniana e cristianismo paulino – como um dos grandes modelos da pedagogia cristã, ao qual se continuou a recorrer durante séculos” (CAMBI, 1999, p. 137).

Dentro da filosofia educativa dele é evidente os traços do cristianismo, onde ele aponta que a filosofia (enquanto razão) e a fé devem se complementar, mas a fé é superior à razão, ”portanto, creio em tudo o que entendo, mas nem tudo o que creio também entendo. Tudo o que compreendo conheço, mas nem tudo o que creio conheço. E não ignoro o quanto é útil crer também em muitas coisas que não conheço [...]” (1987, p.319).

Ele possui um pensamento dualista de corpo e alma, onde tudo o que nós aprendemos, ocorre através de uma ‘iluminação divina’ por meio de nossa alma. O nosso corpo é um simples meio pelo qual a nossa alma age.

R⁵ – Agora eu gostaria que me respondesse: na tua opinião, quem sente, o corpo ou a alma?

AG – Parece-me que é a alma!

R – E achas que o entendimento pertence à alma?

AG – Totalmente!

R – Somente à alma ou a algo mais?

AG – Acho que a nenhuma outra coisa senão à alma, a não ser a Deus, em quem, creio, se situa o intelecto (AGOSTINHO, 1998, p.60).

Como já dito, todo o conhecimento para o Santo ocorre através de uma ‘iluminação divina’, onde aprendemos as coisas através dessa luz que ‘ilumina’ nossa alma interior⁶. Gaarder apresenta que Agostinho concilia essa questão da razão e da fé, onde o conhecimento (conciliado pela razão), é compreendido pela ‘iluminação’ através da fé:

O cristianismo também é um mistério divino, a que só podemos chegar através da fé. Se acreditarmos no cristianismo, porém, Deus irá ‘iluminar’ nossa alma e então receberemos d’Ele uma espécie de saber que está além do natural. Santo Agostinho experimentou nele próprio os limites até onde a filosofia podia chegar. Somente

⁵ Refere-se a Razão. Neste livro, como o próprio nome Solilóquio nos diz, Agostinho conversa consigo mesmo.

⁶ Agostinho possui um pensamento dualista de corpo e alma e tudo o que nós aprendemos acontece através de uma iluminação divina mediada na alma. O nosso corpo é um simples meio para que a nossa alma possa agir.

quando se converteu ao cristianismo é que sua alma conheceu a paz. “Inquieto é o nosso coração, até quando repousa em Ti”, escreveu ele (1995, p.194).

Ele apresenta que tudo o que aprendemos com os sentidos são meros sinais que expressam uma realidade maior. Para o santo, nós não conseguimos aprender por meio deles, pois eles não são eternos, sendo assim, eles podem desaparecer a qualquer momento (BOEHNER. GILSON, 1988, p. 163-164). Para Agostinho é um erro ver as coisas sensíveis como Verdadeiras, mas deve ser visto as coisas inteligíveis como Verdade Suprema, tendo em vista que elas são imutáveis e eternas.

O conhecimento em Agostinho se aproxima muito do conhecimento para Platão, pois ambos desvalorizam esse conhecimento advindos dos sentidos, alegando-os como imperfeitos. Mas a distinção ocorre quando ele não aceita a pré-existência da alma, por isso ele não diz que o conhecimento é relembrado, mas sim ele se torna iluminado pela luz divina (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2457)

A Teoria da Iluminação Divina é apresentada por Santo Agostinho como ação direta de Deus na mente humana, de modo que o homem possa chegar ao verdadeiro conhecimento, sendo que é essa luz divina que possibilita ao homem encontrar Deus e alcançar a felicidade. (SOUZA. PEREIRA MELO., 2009, p. 2457)

As coisas que são verdadeiras são iluminadas anteriormente por essa luz divina, sendo assim, essas verdades só podem se tornar inteligíveis quando iluminadas por esta luz divina:

A doutrina agostiniana da iluminação divina [...] supõe que como os objetos devem ser tornados visíveis pela luz para serem percebidos pela vista, as verdades científicas devem tornar-se inteligíveis por um tipo de luz para serem aprendidas pelo pensamento. Portanto Deus é para o nosso pensamento o que o sol é para nossa vista; como o sol é nossa fonte de luz, Deus é a fonte de verdade. (GILSON, 2007, p. 159-160).

Santo Agostinho define o fato de a Verdade estar ‘impressa’ em nossa alma da seguinte maneira: ele alega que como somos imagem e semelhança de Deus, com exceção ao pecado, e ao fato de sermos mortais, e o nosso corpo ser mortal já é a prova de que ele não é a imagem e semelhança deste Deus Criador. Já a nossa alma, ao contrário, não é mortal, ela é eterna, desta forma é ela que possui essa nossa ‘marca criadora’ de Deus, e é imagem e semelhança deste Deus Criador. Sendo imagem e semelhança do Deus Criador, detém a Verdade Suprema, assim como o Deus que nos criou (CAMBI,1999, p.136).

Partindo do pensamento agostiniano de que quando a nossa alma for 'iluminada' ela será detentora da verdade, e que Deus 'ilumina' essa verdade para nós conseguirmos vê-la, é necessário que o homem volte para o seu interior.

Mas para ser atingido o objetivo da Verdade, é necessário que o ser humano se afaste de sua materialidade, e se volte para o seu interior, pois é ali que será encontrado o verdadeiro conhecimento, e conseqüentemente a felicidade.

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estavas convosco!
Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós!
(AGOSTINHO, 1987, p. 190).

Agostinho afirma que, quem vê as coisas de forma exterior, não consegue compreender a verdade que está nela, mas apenas as compreende quem as vê de forma interior: "Cada qual, ao contrário, que as pode ver interiormente, é discípulo da verdade; exteriormente, é juiz de quem fala, ou antes, das suas palavras" (1987 p. 321).

Conforme nos apresenta Souza e Pereira Melo, "a educação proposta por Santo Agostinho, portanto, é caracterizado por uma busca interior do homem pela Verdade" (2009, 2464). Como apresenta o autor, para Agostinho, a educação é uma libertação das coisas materiais e de tudo aquilo que lhe apresenta falsos conhecimentos e deve buscar na sua interioridade o verdadeiro conhecimento.

Pode ser dito que a caminhada educativa proposta por Santo Agostinho é uma autoeducação, onde se deve partir do indivíduo de acordo com a sua vontade a busca por sua interiorização. Para ele, a contemplação, é um dos caminhos melhores para nossa busca, onde descobrimos essas verdades transcendentais que abrigamos na alma quando esta for iluminada (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2463). Para alcançar esse bem maior o homem deve ter uma vontade própria, por isso que sua educação pode ser chamada de autoeducativa. Mas Agostinho afirma que tão somente a vontade não basta. O homem também necessita das graças e do auxílio provenientes de Deus. Para ele, não basta querer, também necessita Poder (GILSON, 2007, p. 252-253).

Na obra *De Magistro*, o próprio autor diz que não se deve confiar nos conhecimentos adquiridos pelos sentidos, pois eles nos enganam quanto a real Verdade. Por exemplo, se alguém falar nas Pirâmides do Egito, você logo associará alguma figura de pirâmide na cabeça, porém é diferente o pensamento do objeto pirâmide da coisa pirâmide, e nessa diferença se adquire apenas uma falsa verdade. Agora, quando se fala das verdades adquiridas

pelo inteligível (mente), essas que são As Verdades, pois elas são de um ideal universal e único, por exemplo, um ideal de Virtude, de Bem, de ética, entre outros.

Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior; (AGOSTINHO, 1987, p.320)

Gilson diferencia em sua obra sobre as informações que são adquiridas pelas sensações daquelas adquiridas pela nossa razão:

Escuto um homem que fala comigo e que expõe suas ideias para mim; ele diz que compreende isso e aquilo e quer tal ou tal coisa; eu o compreendo, conseqüentemente, formo conceitos e até mesmo acredito nele, mas não sei se isso é verdade, pois não tenho qualquer meio de verificar o que ele me diz: a iluminação divina não desempenha qualquer papel nesse gênero de conhecimento em que a verdade não aparece. Mas, eis que meu interlocutor se põe a falar sobre o pensamento humano em geral; imediatamente, meu ponto de vista muda. Sei se o que ele fala é verdade, e o aprovo; ou que é falso, e o refuto. Aqui é exatamente onde a iluminação divina intervém, pois se trata da verdade (GILSON, 2007, p.182).

Como expresso pela citação , quando o homem fica somente com as percepções sensoriais, como o caso da fala (que são apenas sinais expressos para significar algo), não é possível a certeza da verdade. Mas quando se passa para a verdade inteligível, onde se tem que fazer uso da razão, falando do conhecimento como um todo, aí sim se pode encontrar a iluminação divina na Verdade verdadeira.

3 O mestre interior

Para Santo Agostinho, as verdades adquiridas pelos sentidos não expressam a Real Verdade, pois elas não foram ‘iluminadas’ por Deus. Sendo assim, elas não são capazes de expressar a Verdade das coisas, mas sim meramente um conceito de verdade terreno. Sendo assim, o ensino de palavras, acarreta no aprendizado de palavras, e nada mais. Já quando se trata das verdades inteligíveis, ele afirma que as pessoas não as conhecem pelas palavras, mas através da iluminação divina, onde com a contemplação, capacita o homem a enxergar o seu interior.

Santo Agostinho afirma que, quando os discípulos escutam as palavras dos mestres, voltam-se para seu interior e aprendem. Como não há tempo entre a audição e a cognição, eles acreditam que aprendem em função da fala do mestre exterior. Entretanto, mestre e discípulo encontram-se na condição de ensinado, já que o verdadeiro mestre é a Verdade, comum a ambos que, ao instruí-los igualmente, faz com que concordem (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2463).

Agostinho diz ainda que, não devemos chamar a ninguém de mestre, pois os conhecimentos verdadeiros não se encontram nas falas dos ‘mestres terrenos’, mas na alma que cada um de nós tem quando estas forem iluminadas. Desta maneira, as falas dos ‘mestres’ servem apenas para nos auxiliar a abertura e o desprendimento nosso para conseguirmos fazer a interiorização em nossa alma, na busca do verdadeiro conhecimento que temos nela, e que é possibilitado por Deus. Afirma ainda que o único papel que o mestre terreno tem é o de estimular os seus alunos a voltarem para o seu interior para adquirir o conhecimento vindo pela iluminação divina (GILSON, 2007, p.140).

Não se chame a ninguém de mestres na terra, pois o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. Mas o que depois haja nos céus, no-lo ensinará Aquele que também, por meio dos homens, nos admoesta com sinais, e exteriormente, a fim de que voltados para ele exteriormente, sejamos instruídos (AGOSTINHO, 1987, p.324).

Mediante a isso, o conhecimento em Santo Agostinho não ocorre por meio de sinais ou palavras, mas ocorre através de uma contemplação interior, onde quando nos libertamos de todo o materialismo. Deus, que é o Mestre Divino, nos iluminará com a sua luz e nós conseguiremos ver a Verdade através dela.

Conclusão

Ao chegarmos ao fim deste artigo concluímos que o ensino para Santo Agostinho ocorre através de uma iluminação divina em nossa alma. Para ele, na alma humana podemos encontrar a Verdade, pois através desta teoria da iluminação, Cristo que é verdadeiro Mestre nos permite encontrarmos-la ali.

Concluimos também que para o santo, o maior desejo humano é conhecer a Deus, e isso podemos fazer somente na alma, pois é ela que mais se aproxima de Deus, sendo a sua imagem e semelhança. Para ele o corpo sendo mortal, já é uma prova de que este não é próximo de Deus, ao contrário nossa alma o é.

Como visto no artigo, a função de nossa fala é de ensinar alguém de algo, ou então faz-lo recordar. Sendo assim, os mestres interiores não conseguem transmitir a Verdade das

coisas, e da mesma forma as coisas sensíveis também não são capazes de fazê-lo. Para ele, a função destes mestres terrenos nada mais é do que nos estimularmos na busca da verdade interior.

Referências

ABREU, João Azevedo. **Sobre o De Magistro, de Santo Agostinho**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v19/v19a16.pdf>> Acesso em: 18 set. 2017.

AGOSTINHO. **Confissões/De Magistro = Do Mestre**. Tradução por Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

AGOSTINHO. **Sobre a potencialidade da alma**. Tradução por Aloysio Jansen de Faria. Petrópolis: Vozes, 1997.

AGOSTINHO. **Solilóquios e a vida feliz**. Tradução por Adaurio Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.

BOEHNER, Philotheus. GILSON, Étienne. **História da Filosofia cristã**. Tradução por Raimundo Vier. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução por Álvaro Lorencini. 2 Reimp. São Paulo: UNESP, 1999.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. Tradução por João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução por Cristine Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

SOUZA, Mariana Rossetto; PEREIRA MELO, José Joaquim. **A educação em Santo Agostinho: Processo de interiorização na busca pelo conhecimento**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf> Acesso em: 20 set. 2017.

VOEGELIN, Eric. **Helenismo, Roma e cristianismo primitivo**. Tradução por Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2012.